



MATERNIDADE E AUTISMO: INVISIBILIDADE FEMININA NO DIAGNÓSTICO E CUIDADO

MOTHERHOOD AND AUTISM: FEMALE INVISIBILITY IN DIAGNOSIS AND CAREGIVING

Marcelle Silva Oliveira   Centro Universitário Maurício de Nassau, Pernambuco,
Brasil.

Maria Beatriz Tavares Gonçalves   Centro Universitário Maurício de Nassau,
Pernambuco, Brasil.

Maria Eduarda dos Santos   Centro Universitário Maurício de Nassau,
Pernambuco, Brasil.

Maria Eduarda Bernardo de Andrade   Centro Universitário Maurício de Nassau,
Pernambuco, Brasil.

Ana Maria Sá Barreto Maciel   Universidade Católica de Pernambuco,
Pernambuco, Brasil.



Revista
Práxis em Saúde

Ano III | Volume III | n II | Florianópolis | 2025 | ISSN: 2966-1056
DOI: <https://doi.org/10.56579/prxis.v3i2.2620>

MATERNIDADE E AUTISMO: INVISIBILIDADE FEMININA NO DIAGNÓSTICO E CUIDADO**MOTHERHOOD AND AUTISM: FEMALE INVISIBILITY IN DIAGNOSIS AND CAREGIVING**Marcelle Silva Oliveira¹Maria Beatriz Tavares Gonçalves²Maria Eduarda dos Santos³Maria Eduarda Bernardo de Andrade⁴Ana Maria Sá Barreto Maciel⁵

Resumo: Mulheres autistas que vivenciam a maternidade enfrentam desafios específicos, muitas vezes agravados por processos de invisibilidade e estigmatização. É comum que o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) nessas mulheres ocorra apenas após a identificação do quadro em seus filhos, o que evidencia um padrão de negligência em relação às suas necessidades subjetivas e identitárias. Este artigo tem como objetivo investigar as vivências de mães autistas com filhos autistas, evidenciando os desafios decorridos de uma literatura baseada no diagnóstico masculino. A pesquisa se caracteriza como uma revisão narrativa da literatura, com levantamento de artigos publicados entre 2020 e 2025 nas bases de dados PubMed, SciELO e Google Acadêmico, utilizando os descritores: "autismo feminino", "maternidade atípica", "mães autistas" e "mães atípicas". Os resultados indicam que essas mulheres enfrentam um ciclo de negligência, no qual o cuidado direcionado aos filhos não é acompanhado pelo cuidado com a saúde mental e o acolhimento subjetivo da mãe. A ausência de rede de apoio, o capacitismo institucional e a idealização da maternidade contribuem para uma sobrecarga psíquica. Conclui-se que há uma urgência em romper com paradigmas que invisibilizam as múltiplas formas de existir no espectro, especialmente em contextos de cuidado e maternagem.

Palavras-chave: Maternidade Atípica; Mulheres Autistas; Mães Autistas; Diagnóstico Tardio; Neuronormatividade.

Abstract: Autistic women who experience motherhood face specific challenges, often aggravated by processes of invisibility and stigmatization. It is common for the diagnosis of Autism Spectrum Disorder (ASD) in these women to occur only after the condition is identified in their children, which highlights a pattern of neglect in relation to their subjective and identity needs. This article aims to investigate the experiences of autistic mothers with autistic children, highlighting the challenges arising from literature based on male diagnosis. The research is characterized as a narrative review of the literature, with a survey of articles published between 2020 and 2025 in the PubMed, SciELO and Google Scholar databases, using the descriptors: "female autism", "atypical motherhood", "autistic mothers" and "atypical mothers". The results indicate that these women face a cycle of neglect, in which care directed at their children is not accompanied by care for the mother's mental health and subjective support. The lack of a support network, institutional ableism and the idealization of motherhood contribute to psychological overload. It is concluded that there is an urgent need to break with paradigms that make the multiple ways of existing on the spectrum invisible, especially in contexts of care and motherhood.

Keywords: Atypical Motherhood; Autistic Women; Autistic Mothers; Late Diagnosis; Neuronormativity.

¹ Graduanda pelo Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU) Caruaru. E-mail: marcelle.silva615@gmail.com

² Graduanda pelo Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU) Caruaru. E-mail: beatriztavares1524@gmail.com

³ Graduanda pelo Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU) Caruaru. E-mail: yleduarda@gmail.com

⁴ Graduanda pelo Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU) Caruaru. E-mail: eduardabernardopsi@gmail.com

⁵ Mestra em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: anamariamaciel2015@gmail.com

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5, caracteriza-se por déficits na comunicação social, padrões restritos e repetitivos de comportamento e possíveis comorbidades associadas (Kostycz; Ienik, 2024). Historicamente, os critérios diagnósticos do autismo foram desenvolvidos com base em estudos predominantemente realizados com populações masculinas, o que resultou em um padrão diagnóstico centrado na experiência do homem cisgênero. Essa abordagem tem contribuído para o subdiagnóstico em mulheres, especialmente em razão de estratégias de mascaramento frequentemente utilizadas por elas para se adequar às normas sociais (Loureiro, 2024). No contexto da maternidade, mulheres autistas enfrentam desafios adicionais que agravam sua invisibilidade social e clínica. É comum que essas mulheres só recebam o diagnóstico de TEA após a identificação da condição em seus filhos, o que evidencia uma lacuna no reconhecimento de suas vivências subjetivas e identitárias (Silva; Camilozi; Franco; Moraes, 2024). A maternidade autista, nesse sentido, é marcada por múltiplas camadas de vulnerabilidade: estigmatização, sobrecarga emocional e sensorial, dificuldades na interação social, negligência institucional e ausência de acolhimento adequado. Muitas relatam experiências de bullying, repressão, exaustão psíquica e autculpação, revelando interseções entre gênero, deficiência e maternagem (Silva; Camilozi; Franco; Moraes, 2024).

A imagem social da mulher autista tende a ser reduzida à função de cuidadora, apagando sua individualidade e subjetividade. Essa narrativa é reforçada por estruturas machistas e capacitistas que deslegitimam suas necessidades enquanto mulheres neurodivergentes e mães atípicas. Diante disso, a presente pesquisa propõe-se a investigar: como ser mãe autista de uma criança autista impacta a qualidade de vida, o bem-estar subjetivo e o acesso ao cuidado integral? A partir dessa questão, busca-se compreender os atravessamentos socioculturais que configuram a maternidade no espectro, com foco na escuta sensível às experiências dessas mulheres.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo desenvolve uma revisão bibliográfica com base na análise de publicações científicas veiculadas entre os anos de 2020 e 2025, nas bases de dados PubMed, SciELO e Google Acadêmico. A busca foi realizada em língua portuguesa, utilizando os descritores: “Mãe Autista”, “Maternidade” e “Autismo”, combinados pelo operador booleano AND para refinar os resultados.

Foram incluídos nesta revisão sistemática estudos que abordam: angústias maternas no processo diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA), sobrecarga emocional e prática no cuidado de crianças autistas, o autismo em mulheres, e experiências de mães autistas com filhos também no espectro. A partir de uma leitura exploratória inicial, foram selecionados sete artigos considerados relevantes, os quais foram analisados em profundidade para extrair os principais achados e contribuições teóricas.

Com base nos critérios de inclusão estabelecidos, foi possível delimitar a questão norteadora desta revisão: investigar as vivências de mães autistas com filhos autistas, evidenciando os desafios enfrentados e a invisibilidade social que permeia essas experiências.

RESULTADOS

De acordo com os estudos analisados, Loureiro (2024) sinaliza que o diagnóstico do TEA em mulheres é permeado por múltiplos atravessamentos sociais, simbólicos e clínicos, os quais contribuem de forma significativa para sua invisibilidade e subnotificação. Miranda (2023) contribui ao abordar que a predominância de representações midiáticas e científicas centradas em padrões comportamentais masculinos reforça estereótipos de gênero, dificultando o reconhecimento de manifestações femininas, geralmente mais sutis, internalizadas e camufladas.

Os instrumentos diagnósticos, historicamente construídos a partir de estudos com meninos e homens, demonstram baixa sensibilidade às características femininas do espectro, como o uso de estratégias compensatórias de socialização, empatia hiperdesenvolvida e imitação comportamental (Brunetto; Vargas, 2023). O fenômeno da camuflagem social — prática comum entre mulheres com alta capacidade

cognitiva e habilidades verbais – tem sido apontado como um dos principais fatores de atraso no diagnóstico clínico, o que compromete o acesso precoce a intervenções, suporte psicossocial e políticas públicas adequadas. Tal invisibilidade prolongada, retratada por Miranda (2023) e Loureiro (2024), gera impactos profundos na saúde mental dessas mulheres, como sintomas depressivos, transtornos de ansiedade, fadiga social crônica e sentimentos de inadequação, com consequências diretas sobre sua qualidade de vida e identidade.

Adicionalmente, os estudos de Silva, Camilozi, Franco e Moraes (2024) demonstram que a experiência da maternidade atípica entre mulheres autistas com filhos também autistas é marcada por intensa sobrecarga emocional, sensorial e prática. Ademais, Luna, Melo, Santos, Calado e Santos (2023) abordam a ausência de uma rede de apoio eficaz, que aliada ao estigma em torno da deficiência e ao machismo estrutural, resulta em uma responsabilização desproporcional da mãe nos cuidados e nas obrigações parentais. Assim, Pascalicchio, Alcântara e Pegoraro (2021) reforçam que decorrente da relação de dependência dos cuidados maternos, muitas dessas mulheres vivenciam um profundo isolamento social, renunciando a vínculos afetivos, atividades profissionais e autocuidado, o que intensifica sintomas de exaustão, solidão, culpa e autocrítica.

Dessa forma, os achados evidenciam a necessidade urgente de uma abordagem interseccional que considere, além da neurodiversidade, os marcadores de gênero, maternidade e classe social. A partir disso, Kostycz e Ienk (2024) afirmam ser fundamental que os serviços de saúde, educação e assistência social estejam preparados para reconhecer as especificidades das mães autistas, oferecendo suporte integral, acolhimento empático e estratégias inclusivas que fortaleçam sua autonomia e bem-estar psicológico.

DISCUSSÃO

A invisibilidade social, política e científica das mulheres é um fator estrutural que contribui diretamente para a subdiagnóstica do TEA em mulheres. A literatura aponta que os métodos investigativos historicamente construídos com base em padrões masculinos perpetuam um ciclo de apagamento das manifestações

femininas, dificultando tanto o diagnóstico quanto o cuidado adequado das mães autistas (Brunetto; Vargas, 2023).

Em contextos clínicos, é comum observar uma divisão implícita entre um “autismo típico”, geralmente associado ao masculino, e um “autismo atípico”, frequentemente vinculado às manifestações femininas. Essa segmentação, sustentada por um viés machista e capacitista, resulta em testagens pouco sensíveis ao perfil feminino, o que, por sua vez, reduz artificialmente a prevalência estatística de mulheres no espectro. Dessa forma, os dados disponíveis tornam-se imprecisos pois desconsideram o fenômeno do mascaramento e as expressões internalizadas que são comuns entre mulheres autistas.

A associação entre essa invisibilidade e a maternidade acentua ainda mais os desafios enfrentados. As normas de gênero continuam a regular os corpos e experiências dessas mulheres, impondo-lhes papéis sociais marcados pela idealização da maternidade e pela exigência de abnegação. O diagnóstico tardio compromete o processo de autoconhecimento e dificulta a construção de uma identidade neurodivergente integrada à função materna (Loureiro, 2024). Nesse contexto, romper com a idealização do bebê neurotípico e acolher tanto o próprio diagnóstico quanto o de um filho autista exige uma reinvenção subjetiva que nem sempre encontra suporte social ou institucional.

Os relatos de mães autistas revelam atravessamentos profundos entre gênero, maternagem e deficiência. Suas vivências são marcadas por dores silenciadas, estigmas internalizados e uma constante imposição da neuronormatividade, que desautoriza a existência de subjetividades divergentes. Essa desautorização simbólica gera crenças centrais desadaptativas, como sentimentos crônicos de desamor, desvalor e desamparo, os quais muitas vezes se originam na infância, diante de experiências precoces de rejeição, negligência e esforço constante para mascarar comportamentos considerados “inadequados”. Essas crenças se solidificam ao longo do desenvolvimento e se expressam por meio de pensamentos automáticos negativos, influenciando diretamente o comportamento, o humor e a autoestima dessas mulheres (Silva *et al.*, 2024).

Estudos como o de Pascalicchio *et al.* (2021) indicam que a maternidade de crianças com TEA, por si só, já está associada a altos índices de sofrimento psíquico.

No entanto, quando essa maternidade é exercida por uma mulher autista, sem o devido reconhecimento ou acolhimento institucional, a sobrecarga torna-se exponencial. É urgente, portanto, que políticas públicas específicas, interseccionais e centradas na realidade dessas mulheres sejam desenvolvidas para promover sua saúde integral, o fortalecimento de suas redes de apoio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidencia-se a importância de um posicionamento crítico diante da escassez de recursos científicos confiáveis voltados à definição de critérios diagnósticos do TEA em mulheres. Tal lacuna reforça atravessamentos patriarcais e capacitistas nos campos da pesquisa e da prática clínica, perpetuando o ciclo de invisibilidade que marca a experiência cotidiana das mães autistas.

O diagnóstico tardio, muitas vezes, revelado apenas após a identificação do TEA em seus filhos, impõe significativos prejuízos à saúde mental dessas mulheres. Quando somado à sobrecarga dos cuidados maternos, compromete a possibilidade de construção de uma identidade autêntica e de uma trajetória existencial própria. Nesse contexto, essas mães enfrentam um cenário de exaustão emocional, solidão e ausência de acolhimento adequado.

A ampliação da compreensão sobre o autismo a partir do paradigma da neurodiversidade é fundamental para a promoção de uma abordagem mais humanizada e inclusiva. Embora os estudos sobre o TEA tenham avançado nos últimos anos, persistem desigualdades históricas, culturais e sociais na atribuição dos papéis de cuidado e comportamento, bem como barreiras genéticas e clínicas à identificação adequada do autismo em mulheres. A presente análise bibliográfica oferece subsídios valiosos para compreender a vivência das mães autistas e suas angústias, revelando um campo fértil para investigações futuras.

REFERÊNCIAS

BRUNETTO, D.; VARGAS, G. Meninas e mulheres autistas: completar o espectro é uma questão de gênero. **Cad. Gên. Tecnol.**, v. 16, n. 47, p.258-275, jan./jul. 2023. DOI: 10.3895/cgt.v16n47.15682. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/15682>. Acesso em: 12 de abr. 2025.

KOSTYCZ, R. D.; IENK, T. Maternidade e autismo: impactos e percepções a partir do diagnóstico. **Fac. Sant'Ana em Revista**, v. 8, p. 438-450, 1-2 Sem. 2024. Disponível

em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/index>. Acesso em: 12 de abr. 2025.

LOUREIRO, J. S. Autismo em mulheres: por que o diagnóstico é tão difícil?. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.] v. 6, n. 11, p. 4009-4021, 2024. DOI: 10.36557/2674 8169.2024v6n11p4009-4021. Disponível em: <https://bjih.s.emnuvens.com.br/bjih.s/article/view/4506>. Acesso em: 12 de abr. 2025.

LUNA, A.W.N.; MELO, M. C. O.; SANTOS, A. D. B.; CALADO, J. I. F.; SANTOS, M. V. P. Percepções de mães de crianças com autismo sobre rede apoiadora e estratégias de cuidado consigo. **Rev Enferm UFPI**, [S. l.], v. 12, n. 1, 2023. DOI: 10.26694/reufpi.v12i1.4284. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1523554>. Acesso em: 12 de abr. 2025.

MIRANDA, V. P. **Como estereótipos de gênero afetam o subdiagnóstico de meninas e mulheres autistas**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/38248>. Acesso em: 12 de abr. 2025.

PASCALICCHIO, M. L.; ALCÂNTARA, K. C. G. M.; PEGORARO, L. F. L. Vivências maternas e autismo: os primeiros indicadores de TEA e a relação mãe e filho. **Estilos da Clínica**, v. 26, n. 3, p. 548–565, 2021. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v26i3p548-565. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/178040>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SILVA, B. L.; CAMILOZI, J. L. D.; FRANCO, A. G.; MORAIS, R. C. N. “Sou mãe autista com um filho autista”: análise documental da sobrecarga familiar. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 18, n. 8, p. 1-16, 2024. DOI: 10.24857/rgsa.v18n8-179. Disponível em: <https://rgsa.openaccesspublications.org/rgsa/article/download/8516/3879/28952>. Acesso em: 12 abr. 2025.